

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

PIB-H/0001/2013

O cotidiano da Manaus das décadas de setenta e oitenta na poesia
de Ernesto Penafort

Bolsista FAPEAM: Hervelyn Tatyane dos Santos Ferreira

MANAUS

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RELATÓRIO PARCIAL

PIB-H/0001/2013

O cotidiano da Manaus das décadas de setenta e oitenta na poesia
de Ernesto Penafort

Bolsista FAPPEAM: Hervelyn Tatyane dos Santos Ferreira

Orientadora: Profa. Dra. Rita do Perpétuo Socorro Barbosa de
Oliveira

MANAUS

2014

RESUMO

Este Relatório Final visou apresentar o resultado final da pesquisa executada pelo Programa Interinstitucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Federal do Amazonas por meio do projeto intitulado PIB-H/0001/2013, “O Cotidiano da Manaus das Décadas de Setenta e Oitenta na Poesia de Ernesto Penafort”, e teve por objetivo geral analisar, por meio da crítica temática, o significado poético da cotidianidade nos quatro livros de Ernesto Penafort, *Azul Geral*, *A Medida do Azul*, *Os Limites do Azul* e *Do Verbo Azul* e por objetivos específicos demonstrar o modo como alguns temas da cotidianidade são representados nos poemas dos acima mencionados livros. Como resultado final da citada investigação, concluímos que a obra de Ernesto Penafort revela alguns traços da vida cotidiana em Manaus e no mundo ocidental nas décadas de setenta e de oitenta, como a saudade, as transformações na paisagem de uma pequena cidade por causa do ritmo urbano nela iniciado, a carência de tempo para o ócio, a relação do ciclo da natureza com o da vida humana, a fugacidade, a memória, o mundo da poesia, denúncia da injustiça e, por, fim, a oposição entre o mundo imaginado e o mundo da realidade. Em suma, os poemas de Ernesto Penafort revelam alguns dramas e belezas do cotidiano que marcam a segunda metade do século XX. Esta pesquisa constituiu-se em renovação do PIB-H/0114/2012, nomeado *Azul Geral* e *A Medida do Azul: a Cor e a Medida da Poesia de Ernesto Penafort*.

Sumário

1. Introdução	5
2. Fundamentação Teórica	9
3. Desenvolvimento.....	19
4. Consideração Final	34
5. Referências	36
6. Cronograma de atividades.....	38
7. Agradecimentos.....	39

1.Introdução

Este Relatório visa apresentar o resultado final da pesquisa executada pelo Programa Interinstitucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Federal do Amazonas por meio do projeto intitulado PIB-H/0001/2013, “O cotidiano da Manaus das Décadas de Setenta e Oitenta na Poesia de Ernesto Penafort”, que teve por objetivo geral analisar, por meio da crítica temática, o significado poético da cotidianidade nos quatro livros de Ernesto Penafort, *Azul Geral*, *A Medida do Azul*, *Os Limites do Azul* e *Do Verbo Azul* e por objetivos específicos demonstrar o modo como o tema da cotidianidade é representado nos poemas dos acima mencionados livros. Ao final da presente pesquisa concluímos que os poemas dos citados livros abordam alguns temas relativos à vida cotidiana em Manaus e no mundo ocidental nas décadas de setenta e de oitenta: a saudade de uma experiência, de amigos, pressupondo, inclusive, a saudade de pessoas que desapareceram durante a ditadura militar; o fato de uma pequena cidade como Manaus passar por transformações em sua paisagem em decorrência da instauração de sua configuração urbana e do novo ritmo de vida; a relação entre o ciclo da natureza e o da vida humana; a fugacidade da vida; a memória; o mundo da poesia; a denúncia das injustiças; e a oposição entre o mundo imaginado e o mundo da realidade. Enfim, os poemas de Ernesto Penafort revelam alguns dramas e belezas do cotidiano que marcam a segunda metade do século XX.

Este projeto constituiu-se em renovação do PIB-H/0114/2012, nomeado *Azul Geral* e *A Medida do Azul: a Cor e a Medida da Poesia* de Ernesto Penafort, que teve por objetivo geral analisar, por meio da crítica literária temática, o significado poético da cor azul em poemas de dois livros de Ernesto Penafort, *Azul Geral* e *A Medida do Azul* e objetivos específicos demonstrar os significados poéticos da cor azul no livro de poemas *Azul Geral* por meio da crítica temática bachelardiana e apresentar as possibilidades de construção do significado poético da medida do azul no livro de poemas *A Medida do Azul* por meio da crítica anteriormente citada. O resultado final daquela primeira investigação iniciada em 2012 e finalizada em 2013 levou-nos a considerar que o significado do azul convida o homem a repensar sobre interligação da realidade com a imaginação, e que a imagem do azul do céu representa as

ações que podem trazer felicidade, paz e desapego dos valores terrenos. Para assumir essa nova atitude, o poeta mostra a importância dos acontecimentos e da memória deles.

Passamos à apresentação do poeta, embora sua obra seja conhecida e objeto de comentários por parte de vários de críticos. Ernesto da Silva Penafort nasceu em Manaus, no dia 27 de março de 1936. Morreu na mesma cidade em 3 de junho de 1992. Estudou Ciências Sociais na Universidade do Brasil, abandonou o curso devido ao clima político vivido pelo país. Formou-se em Direito pela Universidade Federal do Amazonas. Ingressou no funcionalismo público. Dedicou-se ao jornalismo, colaborando em vários órgãos de imprensa do Rio de Janeiro, São Paulo e Manaus. Foi membro do Clube da Madrugada e um de seus presidentes. Sua estreia literária aconteceu em 1973, com a publicação do livro de poemas *Azul Geral*, seguida de *A Medida do Azul*, ambas as obras em 1973, *Os Limites do Azul*, em 1985, e *Do Verbo Azul*, 1988.

A importância da obra de Ernesto Penafort é comprovada pelo fato de ter sido pesquisada por ensaístas e críticos literários. O ensaísta Erasmo do Amaral Linhares cita que no livro *Do verbo Azul*, o autor está por inteiro, participa da obra o eu do poeta, contista e cronista e assim tem-se o melhor de sua produção literária. Para esse ensaísta o poeta está presente de forma que não passa despercebido, mesmo na crônica ou na ficção, prevalece o lirismo do poeta. Quando expõe seus mais profundos sentimentos, quando acompanha o sofrimento dos outros, quando desbrava os desejos mais eróticos e até mesmo quando explora o épico, ainda assim o poeta continua lírico. Para Erasmo o azul é o azul da mais profunda e humana razão, é a cor da bondade e da ternura.

Dentre os ensaístas que comentaram a obra de Penafort, destaca-se Anthístenes Pinto, Farias de Carvalho, Jorge Tufic, Luiz Ruas e Arthur Engrácio. O primeiro, Anthístenes Pinto (1973, p.78), para quem o poeta não conseguiu quebrar todas as amarras tradicionais da poesia. A forma do soneto seria um exemplo, mas ao usar o decassílabo, o faz com tamanha cautela e requinte, a despeito da sobrecarga emotiva, convencendo que a forma convencional, quando bem aplicada por um autêntico poeta, chega a ser intemporal, desde que a linguagem e o enfoque acompanhem o processo do

tempo sobre o homem e o mundo. Afirma também que *Azul Geral* é para ser lido, relido e meditado, pois o poeta é desses que se interiorizam longamente, afastando-se das explosões verbais, tão ao gosto de muitos poetas, pois ele trabalhava em um poema, às vezes, durante meses, até que tomava corpo definitivo. O título do livro, segundo ele, se encaixa perfeitamente na obra, pois esta é impregnada de azul, símbolo de tranquilidade e esperança, de paz e compreensão entre os homens que viviam em permanente belicismo na primeira metade do século XX.

Farias de Carvalho (1973, p.75), escreve que redescobriu o paladar azul em meio às dificuldades amargas da vida, caracterizadas pelo materialismo brutal e agressivo e pela ambição. Não imaginava reencontrar jamais o paladar magnífico do azul. Agradece pelo maravilhoso, sublime, divino banho de azul que teve ao lavar o próprio espírito, purificando-o, tornando-o tão leve e tão puro como a beleza e a pureza das poesias de *Azul Geral*. Farias considera Ernesto Penafort, sacerdote do azul, presbítero da claridade, apóstolo da luz, ministro celebrante dos sagrados mistérios da poesia e vê no azul dos poemas olhos imateriais urdidos em pura luz, que trazem para fora a alma das coisas, para oferecer aos olhos comuns dos mortais a dimensão verdadeira.

Já Jorge Tufic afirma que no livro que encerra o ciclo do azul pode ser observada a evolução do poeta, uma grande viagem, um longo caminho percorrido portado pelo olhar azul que se manifesta nos poemas. Sua poesia está completamente ligada a si, às mágoas vividas, desalentos. Desse modo ele rompe o tradicionalismo, mostra o que está além do superficial.

O poeta e crítico literário Luiz Ruas escreve que a poesia de Ernesto é essencialmente lírica e ao mesmo tempo consegue entrar nas fronteiras do metafísico e de certa forma, do misticismo, pois toda verdadeira poesia faz fronteira com o misticismo pela razão de que ambos, o poeta e o místico, são contemplativos por excelência, com a única diferença que contemplação é o termo final da ação deste último, enquanto que, para o poeta, a contemplação é, apenas, um estágio da sua ação que se finaliza, na obra poética. Ruas divide os poemas de Ernesto Penafort em dois aspectos: impressionista e fugaz. Depois, afirma que a sociedade precisa do azul. “Azul de amor-ternura, de amor-romantismo, de amor-lirismo, do amor azul... azul... azul. Neste

avermelhado fim de século é preciso encontrar a inocência do azul.” (RUAS, 1982, p.21).

Por fim, o cronista e crítico Arthur Engrácio (1982, contracapa) revela que o poeta Ernesto Penafort não gosta de aparecer em público, em letra e forma, por isso sua produção é pequena. Os trabalhos que entregou aos leitores são produtos de dez ou quinze anos de atividade poética e neles pode-se perceber sua alta visão do mundo, sua técnica amadurecia e perfeitamente identificada com a dos poetas maiores, aqueles que logram permanência no tempo, em razão da autenticidade das suas obras. Em *Os Limites do Azul*, Penafort encerra o ciclo do azul ao esmo tempo em que condensa nesta obra toda a experiência poética de uma vida. Sua poesia é clara, sóbria, pura, autêntica e aponta para outro mundo.

Após aprofundar meu interesse na temática do azul e estudar o significado desta cor nos dois primeiros livros publicados por Ernesto Penafort e assim ter observado que sua poesia leva a um caminho de busca do sentido interior da vida para refletir a aparência dos objetos, perceber que a verdade não é o que se compreende de imediato e sim vai além da aparência e, dessa maneira, questionar a realidade. A presente pesquisa decorre da necessidade de perceber mais claramente outra temática na obra de Penafort, que é o cotidiano. Com o aumento da urbanização de Manaus a partir da década de sessenta, o autor reconhece que essa cidade vai perdendo sua tranquilidade, sua essência predominantemente de um lugar fincado na floresta tropical: a atmosfera cinza denuncia a implantação de indústrias seguida da construção de prédios residenciais na cidade.

Esta investigação está vinculada à linha de pesquisa intitulada Poesia em Língua Portuguesa, do Grupo de Estudos e Pesquisas em Literaturas de Língua Portuguesa – GEPELIP, da Universidade Federal do Amazonas.

2. Fundamentação Teórica

A presente pesquisa foi bibliográfica e qualitativa e teve por quadro teórico, do ponto de vista especificamente literário, os três livros de Gaston Bachelard, empregados no projeto de PIBIC anterior, *A Poética do Espaço*, *A Terra e os Devaneios da Vontade* e *A Água e os Sonhos*, juntamente com os outros livros desse mesmo autor ainda para serem lidos e fichados, como *A Dialética da Duração*.

Passamos a sistematizar a fundamentação teórica:

No primeiro, *A Poética do Espaço*, Bachelard escreve que o fazer poético não tem passado, pois, a imagem poética não vem de um passado e sim do próprio ser, tem sua própria dinâmica. Para o autor, a imagem surge na consciência como produto que vem diretamente do coração, da alma, do ser. Para estudar os fenômenos da imagem poética em seus diferentes modos, alma e espírito são indispensáveis. Para ele, espírito e alma não são sinônimos, se tomados como sinônimos seus significados podem ser equivocados. A palavra alma é vista como imortal, em muitos poemas torna-se indelével e pode envolver toda a ideia do poema, pois em uma imagem poética ela afirma sua presença. A consciência da alma é menos intencional e mais repousada que a consciência associada ao fenômeno do espírito. Logo percebemos que Bachelard quer dizer que não é nem a cultura nem a percepção que preparam uma imagem poética. Para perceber a imagem de um poema seguem-se dois eixos de análise fenomenológica: um que leva às exuberâncias do espírito e outro que conduz às profundezas da alma.

Nos livros acima referidos e que são a base teórica desta pesquisa, Bachelard combina a crítica temática com a fenomenológica. Por isso, apresentamos, em poucas linhas, o entendimento do que é a Fenomenologia. Ela é uma forma de entendimento da realidade que se opõe ao racionalismo, surgiu no fim do século XIX, e suas principais ideias foram desenvolvidas por Edmund Husserl. Ela ainda aborda os objetos do conhecimento como são apresentados à consciência, tendo por princípio a noção de intencionalidade; toda consciência é intencional. Para a pesquisadora Maria Lúcia Aranha,

a fenomenologia tem como preocupação central a descrição da realidade, colocando como ponto de partida de sua reflexão o próprio homem, num esforço de encontrar o que realmente é dado na experiência, e descrevendo “o que se passa” efetivamente do ponto de vista daquele que vive uma determinada situação concreta. Nesse sentido, a fenomenologia é uma filosofia da vivência. (ARANHA, 1993, p.123).

Quanto ao segundo livro de Bachelard, *A Terra e os Devaneios da Vontade*, no capítulo em que nomeou de *A Imaginação Material e a Imaginação Falada*, esse autor escreve que primeiramente se vê o objeto e depois o imagina, dessa forma se estabelece a associação dos fragmentos das lembranças do real vivido e do real percebido. Para que a imagem percebida e a imagem criada se realizem existem funções psíquicas diferentes, pois a imaginação reprodutora está ligada à percepção e à memória. A imagem criada está ligada à função do irreal e é chamada de devaneio. A imagem tem duas realidades: psíquica e física. As imagens imaginadas são antes sublimações dos arquétipos do que reproduções da realidade. A sublimação é o dinamismo comum do psiquismo, de onde as imagens vêm do próprio fundo do ser humano, por isso, todas as atividades do mundo interior e do mundo externo devem ser levadas em consideração. De acordo com Gaston Bachelard, a linguagem da literatura tem a função de sempre surpreender, pois uma imagem literária diz que uma obra nunca será imaginada duas vezes. Readquirir a animação de uma linguagem e transcender o real é função da literatura e da poesia.

Já no terceiro livro estudado nesta pesquisa, *A Água e os Sonhos*, especificamente no capítulo *A Imaginação e a Matéria*, o filósofo demonstra que as forças da imaginação se desenvolvem de duas maneiras diferentes, uma pelo impulso da novidade de um acontecimento inesperado e a outra pelo fundo do ser, onde elas se encontram. Por isso, o autor classifica a expressão artística da imaginação de duas formas: a imaginação que dá vida à causa formal e a imaginação que dá vida à causa material, estas se tornam necessárias para discernir o que há além da imagem que se apresenta. A imaginação trabalha com a necessidade de seduzir através das emoções, de suas cores e metamorfoses. Isso gera a noção de beleza da matéria, e essa é a causa material. A matéria deixa-se valorizar em dois sentidos: no sentido de

aprofundamento, onde aparece como insondável, e no sentido do impulso, onde surge como uma força inexaurível, como um milagre. Afirma que a imaginação é estabelecida pela lei dos quatro elementos, por meio da qual se classificam as diversas imaginações materiais conforme elas se associem ao fogo, ar, água ou a terra. Neste contexto, é necessário que um devaneio encontre um elemento material que lhe dê sua própria substância, e, ao estudá-las, são observadas as forças de imaginação totalmente naturais.

Enquanto o fogo é um tipo de devaneio que comanda as crenças, as paixões, o ideal, a filosofia de toda a vida, a água, é o elemento mais feminino e também mais uniforme que o fogo, simboliza as forças humanas mais escondidas e mais simples. A água é o elemento transitório, entretanto, traz o sentido de continuidade pelo seu curso horizontal. A simetria da água traz o conhecimento racional do conjunto de nossa cultura, dos pensamentos e da ordem de imagens familiares, desta forma, mostrando a sinceridade, pois a água tem clareza, profundidade e transparência. Quando a água é clara, revela mistérios, e quando é profunda, esconde-os.

Outro texto estudado deste mesmo autor que também fundamenta esta pesquisa é *A Dialética da Duração*. Neste livro, Bachelard desenvolve sua teoria a respeito do tempo e em meio aos acontecimentos do século XX na Europa. Um dos destaques está na Teoria da Relatividade de Albert Einstein que descaracterizava a visão da representação do tempo único em todos os lugares. Na física não há um único tempo já determinado para todas as situações. A diferença temporal liga-se ao psicológico, pois o tempo pensado não necessariamente está relacionado ao tempo vivido. “É necessário estudar os fenômenos temporais, cada qual segundo um ritmo apropriado, um ponto de vista particular”(Bachelard, 1994, p. 7). Explicita que o tempo é instante e relaciona-o com a teoria da relatividade, assim alia-o à ideia de instante criador, no qual verifica-se que não tempo universal.

Outro destaque está em Henry Bergson, filósofo francês que desenvolve estudos que questionam a existência de um tempo único através da ideia de duração, o filósofo Bergson opõe-se ao pensamento do físico Einstein. Bachelard estabeleceu sua teoria da descontinuidade histórica com os conceitos de duração em Bergson e é a partir da crítica que faz a este, que o autor demonstrará a própria visão de tempo descontínuo.

Gaston recorre à física para demonstrar a diferença entre o tempo vivido e o tempo pensado. O tempo da Teoria da Relatividade é múltiplo, varia de acordo com seu referencial, mesmo apresentando continuidade por seu movimento, por outro lado, na mecânica quântica revela-se descontínuo, pois é marcado pela mudança e não por movimento.

O tempo tem várias dimensões, o tempo tem uma espessura. Só aparece como contínuo graças à superposição de muitos tempos independentes. Reciprocamente, qualquer psicologia temporal unificada é necessariamente lacunar, necessariamente dialética. (BACHELARD, 1994, p. 87).

Essas lacunas e espessuras nas quais o autor se refere são captadas quando o tempo é vertical, em relação ao tempo comum das coisas que é o horizontal. O tempo vertical é marcado pela descontinuidade, ou seja, lacunar.

A concepção de tempo em Bachelard implica a descontinuidade no que diz respeito ao tempo psicológico e não o tempo físico.

Para complementar o quadro teórico específico, utilizamos as noções de Henry Lefebvre sobre o cotidiano, em seu livro *A Vida Cotidiana no Mundo Moderno*, de Henry Lefebvre.

Para ele, os primeiros a tratar do cotidiano foram os escritores, através da literatura, pois esta é verossimilhança, baseia-se na realidade e por meio da escrita acontece a recorrência do tema do cotidiano, em um eterno voltar atrás, pois a leitura de um livro permite mais de uma leitura ou entendimento, não envelhece. No livro acima citado, no qual esta pesquisa se baseia para a teoria do cotidiano, Lefebvre cita como exemplo James Joyce em *Ulisses*. Ele desmascara o cotidiano, expondo que este não é tão interessante, pois é marcado por fenômenos recorrentes, mas torna-se interessante pelo modo como o escritor o reinventa. Um dos modos da reinvenção é 'apresentar o cotidiano como repetição.

O cotidiano se compõe de ciclos e entra em ciclos mais largos. Os começos são recomeços e renascimentos... Eles se fundem no Ser. As horas, os dias, os meses, os anos, os períodos e os séculos se implicam. Repetição, evocação... (LEFEBVRE, 1991, p. 11).

Ulisses, de James Joyce, é apresentado como o estereótipo da sociedade atual, pois apresenta a formação de um indivíduo, a ascensão e o declínio de uma família e o tema do destino. Essa repetição apresenta-se por meio de vestimentas, máscaras, cenários, juntamente com os recursos da linguagem.

Assim, o cotidiano se apresenta continuamente, pois os cortes não são considerados começos propriamente ditos, e descontinuamente, pois não há fim nas ações e fatos que o constituem. Do ponto de vista literário o mundo desdobra-se em cotidiano e metafórico, sendo vida simulada.

Para os filósofos, a vida cotidiana mostra-se como real em relação ao ideal, pois a filosofia preocupa-se em demonstrar o que considera ser o mundo e o homem, sua consciência e testemunho, sua crítica e racionalidade. Descrever e analisar, através da filosofia, o cotidiano implica revelar suas dualidades, como por exemplo, a riqueza e a miséria. Para a filosofia, o cotidiano é também um campo e, simultaneamente, uma renovação, um momento composto por tantos outros momentos, nos quais se pode incluir trabalhos, necessidades, criatividade etc.

A vida cotidiana é objeto da filosofia na medida em que é não-filosofia, pois o estudo do cotidiano desvia a filosofia de suas formas tradicionais, porque o homem cotidiano mostra-se muitas vezes perdido em seus problemas, podendo, por isso, se arriscar para ganhar ou perder. Enquanto ele se fecha nas preocupações com os bens materiais e suas satisfações, a vida cotidiana esconde o que é misterioso e admirável.

Conforme se escreveu acima, o cotidiano é um fenômeno das sociedades modernas. Compõe-se de repetições: gestos no ambiente de trabalho e fora deste, movimentos mecânicos, horas, dias, semanas, meses, anos, tempo da natureza e tempo da racionalidade; é o que acontece por si mesmo, o que não tem data. É no cotidiano que as pessoas ganham suas vitórias e obtêm seus fracassos; é nele que vivem bem ou mal. Aprofundando o que Lefebvre afirmou anteriormente, a vida cotidiana se caracteriza pelo estilo: os gestos, as palavras, as vestimentas.

Sobre os fenômenos da linguagem, comenta que existem dois aspectos: um relativo à língua como realidade social, pois estudando a língua em tempo presente, seguindo os traços morfológicos, sintáticos e léxicos, se poderá

definir os subsistemas e as linguagens conotativas em geral. Outro aspecto é o relativo ao fato de que a ciência da linguagem passou ao primeiro plano como modelo de ciência, na qual se denunciam algumas preocupações gerais, como por exemplo, a informação e a comunicação. As palavras e os agrupamentos de palavras possuem estreita relação, porém, somente o contexto eleva a denotação de forma que haja entendimento. A função denotativa requer uma função referencial, contextual. É na vida cotidiana que os significados são atribuídos aos significantes. As relações constituídas pela forma da linguagem substituem as relações baseadas na atividade, os grupos que se comunicam por referência aos costumes, aos objetos e objetivos são substituídos por relações baseadas na comunicação.

Durante muitos séculos a beleza das cidades foi percebida através do bucolismo, da contemplação da natureza, entretanto, esta situação se reverteu, a cidade invadiu o campo, enquanto o urbano e sua realidade tornaram-se referenciais de vida. Seguindo a historicidade do cotidiano, percebe-se que este surge a partir da mistura entre degradação e progresso, nesse sentido, a cotidianidade é efetivamente a inconsciência e o inconsciente da modernidade. Um dos grandes pensadores sobre a modernidade afirma que esta é o transitório, o efêmero, o contingente (BAUDELAIRE, 1996, p.26). O cotidiano é um fenômeno complementar à modernidade. Para Lefebvre, dois conjuntos se complementam, a cotidianidade e a modernidade:

O cotidiano é o humilde e o sólido, aquilo que vale por si mesmo, aquilo cujas partes e fragmentos se encadeiam num emprego do tempo. E isso sem que o interessado tenha de examinar as articulações dessas partes. É, portanto, aquilo que não tem data. É o insignificante (aparentemente); ele ocupa e preocupa e, no entanto, não tem necessidade de ser dito, é uma ética subjacente ao emprego do tempo, uma estética da decoração desse tempo empregado. É o que se une à modernidade. Por esta palavra é preciso entender o que traz o signo do novo e da novidade: o brilho, o paradoxal marcado pela tecnicidade ou pelo mundano. É o audacioso (aparentemente), o efêmero, a aventura que se proclama e se faz aclamar. É a arte e o estetismo, mal discerníveis nos espetáculos que o mundo dito moderno apresenta e no espetáculo de si que ele apresenta a si mesmo. Ora, cada um deles, o cotidiano e o moderno, marca e mascara, legitima e compensa o outro. (1991, p. 31).

Não quer dizer que funcionem apenas ligando-se ao outro, ou que um seja significado e o outro significante. O que podemos concluir da citação acima é que estas duas faces significam reciprocamente, moderno e cotidiano correspondem-se.

Os fatos humanos e sociais ligam-se de modo conceitual, ideológico ou teórico no cotidiano. Estudar o cotidiano corresponde a caracterizar a sociedade em que se vive, pensar naquilo que gera não apenas a cotidianidade mas consequentemente a modernidade, definir as transformações e perspectivas sociais, captando o que seria insignificante, essencial e assim ordenar os fatos. Por meio do conceito da cotidianidade se entende e conhece a sociedade e se reconhecer seu panorama global, como por exemplo, a cultura. Não há como dissociar a sociedade da cultura, segundo Henri Lefebvre em seu livro *A Vida Cotidiana no Mundo Moderno*, o qual também escreve que, conforme a análise marxista, a sociedade é antes de qualquer coisa, uma base econômica, é o trabalho com a finalidade de produzir e de possuir bens materiais, dividir e organizar os trabalhos. A base é a estrutura das relações sociais estruturadas e estruturantes, determinadas pela própria base e por fim pelas superestruturas e ideologias.

A sociedade é o lugar de equilíbrio em que o cotidiano pode fluir. No momento em que a sociedade perde sua harmonia, torna-se o lugar de desequilíbrio. Quando as pessoas não conseguem mais viver sua cotidianidade então começa uma revolução, uma busca por mudar de vida.

Apesar de ser o lugar do equilíbrio, o dia a dia da sociedade possui contraste, por exemplo, a miséria, os trabalhos maçantes, as humilhações, a necessidade a ser suprida, a escassez de dinheiro, abstinência, privação e repressão. Outro tipo de pobreza existe também em países de primeiro mundo, mesmo em sociedades abundantes e que desperdiçam bens materiais, pois novas carências se manifestam. A abundância verifica-se conforme a sociedade e seu urbanismo.

Nesse contexto, a festa apresenta-se como uma das opções para fugir das adversidades da vida diária. Nos campos, em que predomina uma organização coerente da vida; a festa não foge totalmente da cotidianidade, ainda é parte dela. Encontros, festins, festivais restituem o que já aconteceu no passado, na vida camponesa. O urbano apresenta resistência efetiva contra a

cotidianidade, a vida da sociedade urbana supera a cotidianidade, pois forma um ambiente de estilo “hot”, encontros que se multiplicam, imprevistos, a violência, as informações que se acumulam e trazem o novo. O cotidiano opõe-se ilusoriamente ao conceito de festa, que estabelece uma relação equilibrada entre trabalho e lazer, como afirma Lefebvre:

No momento, o lazer é antes de tudo e para todos, ou quase todos, a ruptura (momentânea) com o cotidiano. E vive-se uma mutação difícil no transcorrer da qual os antigos “valores” foram considerada e prematuramente obscurecidos. O lazer não é mais a festa e a recompensa do labor, também não é ainda a atividade livre que se exerce para si mesma. (LEFEBVRE, 1991, p. 62).

O cansaço da vida cotidiana e da modernidade pede o divertimento, a necessidade de distração, como nas férias, consideradas fenômeno recente na escala social, as quais modificam e deslocam preocupações.

Existem duas classificações de lazer estruturalmente opostas; uma integrado na própria cotidianidade, como é o caso da leitura de livros, jornais, televisão entre outros; e outro que tem a necessidade por ruptura, as férias, a festa, viagem, até mesmo a loucura.

De acordo com Lefebvre, antigamente, quando a natureza ainda era predominante, o medo estava presente de forma não tão aparente: medo da doença, escassez, forças ocultas, não somente da morte como também dos mortos, entre tantos outros, e tudo isso acarretava a necessidade de defesa e proteção. De acordo com os avanços da modernidade, a sociedade foi se tornando menos supersticiosa, menos adoradora de inúmeros deuses, e o medo deu lugar ao terror com o que seria o verdadeiro perigo: a violência humana, as guerras atômicas. O medo da natureza foi substituído pelo terror social.

Lefebvre define como sociedade terrorista, repressiva, toda sociedade que se mantém através da persuasão da via ideológica e da opressão por meio de algum tipo de punição. Esse tipo de sociedade impõe abstinência, asceticismo, levando a crer que privação é mérito. A sociedade terrorista tem como objetivo e suporte organizar a cotidianidade. Sabe-se o quanto o catolicismo representou seu papel na sociedade repressiva. A repressão

estende-se à classe dominante. Grupos, castas, classes têm elevado suas verdades e valores e assim sobrevivem.

Para Lefebvre, os subsistemas existem para fazer o sistema social funcionar, sendo precisos atos, uma atividade distinta, especificada ou especializada; organizações e instituições; textos que garantam a comunicação das atividades, a participação das pessoas que a organizam, a influência e a autoridade das instituições correspondentes. Por exemplo, a moda é um subsistema da sociedade de consumo, bem como o turismo.

A organização é dita, significada e agravada pelo simbolismo. Um carro, por exemplo, é símbolo de posição social. Nele estão impregnadas as noções de conforto, poder, prestígio, velocidade, privilégio social, fato que revela as pressões da cotidianidade. Para o autor, o automóvel é considerado o “objeto-rei” que determina comportamentos em certos lugares e domínios, a economia e o discurso. O carro possibilita a construção de uma hierarquia de acordo com o tamanho, potência e preço.

Símbolo do urbanismo, o trânsito requer espaço, prioridade para locomoção, estacionamento. Diante disso, a cidade dá seu lugar e sobrevive, perdendo seu natural. Nas ruas, as pessoas passam a se acumular e misturam-se, sem se encontrar, em seus carros, formando um caso de simultaneidade sem troca, pois cada indivíduo permanece em seu pequeno espaço concedido.

Por isso, não se pode falar de veículos sem pensar na sociedade urbana, em cotidiano e modernidade. Segundo o autor o carro já é parte do próprio cotidiano:

Ele o considera o objeto total. Ele tem um sentido (absurdo). De fato e na verdade não é a sociedade que o Automóvel conquista e “estrutura”, é o *cotidiano*. O Automóvel impõe sua lei ao cotidiano, contribui fortemente para consolidá-lo, para fixá-lo no seu *plano*: para plantificá-lo. O cotidiano, em larga proporção hoje em dia, é o ruído dos motores, seu uso “racional”, as exigências da produção e da distribuição dos carros etc.(LEFEBVRE, 1991, p. 111).

Um grande fenômeno da modernidade é a publicidade. Ela captura a arte, a literatura, destina-se ao consumo dos bens, estimula e produz mitos: mito do sorriso como símbolo de felicidade, satisfação, plenitude, a brancura

representando a pureza. Além da ideologia do eu consumidor, fornece também a existência imaginada das coisas. Um dos seus principais papéis é descrever de modo entusiasmado os objetos destinados a usos determinados, deixando o comprador tão empolgado de forma que se convença. Vende imagens.

Um bom exemplo é a juvenilidade, com a qual a publicidade vende os signos da alegria, volúpia, plenitude e realização. A publicidade exerce a função ideológica de conferir dupla existência a um objeto: real e imaginária.

O que media a prática e o imaginário é o investimento, pois as pessoas transformam uma casa, carro, apartamento ou qualquer outro objeto em desejo de posse.

A publicidade produz novos mitos apoderando-se dos antigos, é destinada a trabalhar com o consumo de bens, associa a felicidade de consumir com a busca da felicidade imaginada. Vincula-se de forma essencialmente ideológica.

As mulheres também fazem parte dos símbolos de publicidade, são temas de nudez, sorriso entre outros. Seguindo este ponto, também tornam-se mercadoria quando expõem o corpo para adquirir riquezas e fama. Ideologia da feminilidade, ou melhor, da felicidade pela e na feminilidade, é parte integrante da ideologia do consumo, em que desempenha papel fundamental. As mulheres manipulam (pela aparência) o consumo em função de sua presença nas propagandas. Ela possuem representação análoga à da necessidade de satisfação que ocorre na juvenilidade.

Lefebvre afirma que o consumo é contentamento, necessidade momentânea e frustração, pois logo o desejo renasce. É apenas ato de consumir, ato solitário que não cria relações entre os consumidores.

O objetivo final é a satisfação, entretanto, esta é fugaz. Após a rápida saturação, logo uma nova necessidade surge e varia entre o indivíduo satisfeito e insatisfeito, provocado pela mesma manipulação publicitária. Assim o consumo organizado não tem somente a finalidade de dividir apenas os objetos, mas também a satisfação que cada objeto desperta.

O consumo cotidiano é material, pois pegamos, usamos e devoramos algo, e ao mesmo tempo ideológico, pois consumimos uma imagem, representação. O consumo é parte da modernidade.

3.Desenvolvimento

Apresenta-se, primeiramente, a síntese das discussões realizadas no relatório parcial que consiste na exposição do panorama histórico mundial, nacional e regional de 1968 a 1980 e na análise de quatro poemas, sendo eles um de cada livro estudado nesta pesquisa sobre Ernesto Penafort.

Em maio do ano de 1968 uma grande greve ocorre na França. Alguns historiadores afirmaram que essa rebelião foi o acontecimento revolucionário mais importante do século XX, porque não foi restrito apenas a uma classe de pessoas, mas abrangeu uma posição tomada pela maioria dos habitantes daquele país, um anseio generalizado. Greves estudantis em universidades e escolas de ensino médio em Paris, confrontos com a polícia, estudantes ocuparam fábricas em toda a França, dez milhões de trabalhadores aderiram às greves.

A década de 1960 pode ser dividida em duas etapas: a primeira, marcada por manifestações socioculturais e políticas, evidenciou o idealismo e o entusiasmo no espírito de luta do povo. A segunda antecipou os traços da década de 70: as experiências com drogas, a perda da inocência sobre a sociedade, a revolução sexual e os protestos dos jovens contra o governo. Surgiram movimentos feministas, movimentos a favor dos negros e dos homossexuais. No panorama mundial ocorreram também a Guerra Fria com a Guerra do Vietnã. Surgiu um movimento de comportamento denominado *hippie*, com protestos contrários a toda guerra. Em resposta a esse momento de conflito, seus adeptos pregaram a “paz e o amor” e o “proibam as bombas”, expressões que ficaram conhecidas mundialmente. Defendiam a não violência e a preservação ambiental, o sexo livre de convenções e o nudismo.

A Guerra Fria foi um conflito de ordem política, militar, tecnológica, econômica, social e ideológica entre os Estados Unidos e a União Soviética e os países a cada um deles aliados. Alguns historiadores afirmam durante a Guerra Fria houve a disputa entre países que, junto com os Estados Unidos, apoiavam a liberdade de opinião e de expressão e de voto, e outros países que, juntamente com a União Soviética, defendiam o oposto. Outros historiadores defendem que na citada guerra houve a disputa entre o

capitalismo representado pelos Estados Unidos e o socialismo representado pela União Soviética.

A mencionada guerra foi denominada de "fria" porque houve apenas conflitos indiretos entre essas duas nações que disputaram poder de influência política, econômica e ideológica em todo o mundo. Essas grandes potências envolveram-se em diversos conflitos de níveis regionais e cada uma apoiava o lado oposto nas guerras, para assim formarem alianças e mostrarem o que possuíam de armamentos. A Guerra da Coreia, que ocorreu no período de 1950 até 1953, e a Guerra do Vietnã, no período de 1962 até 1975, foram os conflitos mais famosos da Guerra Fria.

Após o fim da Segunda Guerra Mundial, as duas potências vencedoras fabricaram grande variedade de armamento. A maioria deles foi desenvolvida durante o conflito, sendo feitas por cientistas alemães e japoneses, correspondendo às armas químicas ou gases mortais, que não foram muito usados em guerra. A Alemanha foi a que mais desenvolveu armas químicas no período. Tanques, aviões, submarinos, navios de guerra e mísseis balísticos foram bastante usados. A arma mais letal criada foi a bomba atômica, tecnologia possuída pelos Estados Unidos, que dessa forma estabeleceu sua superioridade contra a União Soviética. Esta passou também a desenvolver pesquisas para a produção de bombas. Na tentativa de obter o poder, as duas nações trabalharam avidamente para desenvolver pesquisas para fabricação de armas químicas, pois quem possuísse mais armas mortais venceria a disputa bélica. Na década de 1960 esses países poderiam destruir qualquer outro país do mundo com a quantidade de armas nucleares construídas.

Durante este período, as duas superpotências fizeram propagandas políticas com o interesse de obter o apoio de todos os outros países, com discursos que tinham o intuito de convencer que a sua posição ideológica estava correta e fazer desacreditar a do adversário.

Na mesma época em que se vivia a Guerra Fria, o Brasil passava pela ditadura militar, que teve origem com o Golpe de 1964, quando as Forças Armadas do Brasil derrubaram o governo do presidente João Goulart e terminou quando José Sarney assumiu este cargo por eleição direta. As Forças Armadas do Brasil obtiveram poder político após a vitória na Guerra contra o Paraguai. Os Estados Unidos apoiaram os que organizaram o golpe militar

contra o presidente João Goulart. A ditadura teve seu ápice na década de 1970, o Golpe de Estado de 1964 acarretou um regime militar que durou até 1985.

Como mencionado anteriormente, os Estados Unidos fizeram diversas alianças, principalmente com países menores, para controlar sua economia não tão desenvolvida de modo a impedir que eles se ligassem aos países comunistas, para assim vencerem a disputa mundial de poder contra a União Soviética.

Nesse contexto, o presidente João Goulart estava no Rio de Janeiro quando chegou a notícia de um manifesto exigindo sua renúncia. Logo após, foi dado o começo da repressão. Esta trouxe a censura, que proibia todo tipo de exibição nacional de filmes, reportagens, fotos, transmissão de rádio e televisão, que mostrassem tumultos em que se envolvessem estudantes. Instituições e associações contrárias ao regime da ditadura foram fechadas, famílias vigiadas, pessoas presas, torturadas e mortas. Greves de trabalhadores e estudantes foram proibidas e consideradas como crime caso acontecessem. Os cidadãos que se manifestaram contrários ao novo regime foram indiciados em Inquéritos Policiais Militares, foram considerados culpados e presos. Os que se opuseram ao regime foram sujeitos à censura, prisão, tortura, assassinato e exílio forçado.

A primeira greve no período da ditadura militar foi em Osasco, liderada por José Ibrahim. Após esta, a repressão aos estudantes nas universidades tornou-se mais rígida. Em 30 de agosto de 1964, a Universidade Federal de Minas Gerais foi fechada, e a Universidade de Brasília invadida pela polícia. Foram presos jornalistas e políticos que de alguma forma se manifestaram contra a ditadura militar.

No dia 27 de Outubro de 1964, o governo militar tornou obrigatório o ensino do idioma inglês em todas as escolas públicas e privadas do Brasil, como resultado de negociações entre o Governo Federal e o governo dos Estados Unidos. Estes foram os maiores aliados da ditadura no Brasil, pois influenciaram e infiltraram sua cultura no país com a promoção do governo neste sentido.

Os estudantes lutaram além da liberdade pela ampliação de vagas nas universidades públicas e por melhores condições de ensino. A década de 1960

foi marcada pela luta a favor da liberdade e contra a ditadura. Um exemplo do tamanho da brutalidade foi a manifestação contra a má qualidade do ensino ocorrida em um restaurante estudantil chamado Calabouço, onde os manifestantes foram recebidos por granadas, bombas de gás lacrimogênio, balas de fuzis, metralhadoras. Isso aconteceu no Estado do Rio de Janeiro e resultou na morte do estudante Edson Luís de Lima Souto, de 16 anos. Enquanto de um lado a polícia vinha completamente munida de armamentos, por outro os estudantes portavam paus, pedras, bombas caseiras, feitas com álcool e óleo de cozinha, e bolinhas de gude para derrubar as montarias. A reação contra essa morte foi enorme, pois os estudantes se mobilizaram imediatamente e receberam o apoio de membros da Igreja Católica e da sociedade civil, o que acarretou um dos maiores atos públicos contra a repressão. Cerca de 100 mil pessoas participaram de uma passeata que durou sete horas, eram mães, padres, estudantes, artistas e intelectuais reivindicando pela liberdade dos presos, pelo ensino superior gratuito.

Nesse momento conturbado politicamente no Brasil, surgiu o Tropicalismo, movimento cultural cuja proposta era expressar o pensamento do cidadão brasileiro contra o regime militar no final da década de 1960. Um dos exemplos do movimento tropicalista foi a música “Tropicália”, de Caetano Veloso. A melodia condenava e denunciava o sofrimento. Era necessário ter noção da situação de conflito para entender a mensagem, pois os artistas usavam metáforas para fazer a música ser aprovada pelos órgãos de censura. Influenciados pelos *hippies*, dominaram a paródia e o deboche. Deram visibilidade à música popular brasileira e reafirmaram a multiplicidade cultural nacional.

A poesia de Ernesto Penafort surge em meio a todos estes conflitos. O autor busca um mundo no qual pode refugiar-se, no qual o azul substitui o materialismo, o qual para esse poeta, é representado pela atmosfera cinzenta da tecnologia e pelo vermelho do rastro da violência. O poeta apresenta a possibilidade de as pessoas lançarem um novo olhar, um olhar azul para a vida, cor que, para o poeta representa a pureza e a esperança de um mundo harmonioso, conforme podemos ler em parte do SONETO DO OLHAR AZUL, do livro *Azul Geral* abaixo transcrito:

de azul e luz - suspensos de saudade;
e de onde escapa um rio (o rio outro)
cujo leito é de sal e de agonia,
por sobre cujas águas não flutua,
embora em desespero, a luz do dia.
é noturno esse olhar? Quem sabe a imagem
daquilo que entre gritos se anuncia
e em silêncio acontece - e se faz lua”
(PENAFORT, 2005, p.38 e 39)

A saudade daqueles que não estão presentes, o momento de conflito e tristeza, os desesperos vividos pelo país podem ser acalmados pelo azul.

Ressaltamos que o primeiro livro do ciclo do azul, *Azul Geral*, é dedicado aos companheiros do Clube da Madrugada, que foi um movimento de jovens escritores amazonenses, do qual o próprio poeta foi um dos presidentes, mais precisamente entre 1979 e 1980, no qual fizeram encontros para discutir questões sociais, políticas, econômicas e artísticas, e, assim, reconstruiu a boêmia literária na Manaus desse tempo. Os membros do Clube refletiram sobre as artes no Amazonas, sobre a existência de uma identidade regional e as diversas formas de manifestação estética. Surgiu em 22 de novembro de 1954, data o seu surgimento, sem sede própria, sendo suas sessões literárias realizadas na praça Heliodoro Balbi. A dedicatória mostra a valorização da amizade para o poeta. O poema, portanto, trata da repressão política pela qual passava o Brasil e da qual alguns dos amigos de Penafort eram vítimas. O tema abordado integra a vida cotidiana dos anos setenta.

Para realizar nosso objetivo de demonstrar os traços do cotidiano na poesia de Penafort, analisamos o poema MINERALDIÇÃO, que integra o livro *Azul Geral*

este barulho mineral
é que me nutre a audição.
precisá-lo é tão possível
como emoldurar a visão.
este barulho mineral,
de onde provém ou se esconde,
sobre que face se encontra
inscrito ou tatuado?
este barulho lembra um bonde.
este barulho mineral,
que me nutre a audição,
é exato como um corpo
de cadeira no salão.

às vezes ele é fluido,
(suor ou chuva ou canção?)
este barulho compacto,
igual a mão que se fecha
pesada e pronta para o murro.
(PENAFORT, 2005, p.57)

O barulho mineral representa a metáfora da lembrança do bonde, antes do início da modernidade em Manaus, que aos poucos tornou essa cidade urbanizada. A cotidianidade se revela através das novas tecnologias que vão substituindo a antiga máquina. O barulho mineral revela a saudade de uma cidade que já passou.

O poeta desprende-se da realidade objetiva e refugia-se no universo da saudade, opondo-se à realidade da época em que vive e que está marcada por conflitos, censuras, guerras, repressões. Ele abandona os gritos de desespero da sociedade que luta contra a violência e ouve apenas um pequeno barulho, um fluido, uma canção.

A audição é mineral, pura e fluida, sendo ao mesmo tempo violenta pela intensidade, conforme esclarece Gaston Bachelard: “a água acolhe em acolhe em si todas as imagens da pureza”. (1989, p. 15). A audição forma sinestesia coma visão, o paladar e o tato.

A metáfora do bonde amplia-se para a metáfora da tranquilidade da vida em Manaus nas décadas de 40 e 50, antes da implantação, na cidade, do novo meio de transporte urbano, o ônibus. O poeta transmite a ideia de que o ritmo da vida nessa cidade era calmo e prazeroso. Por isso o bonde é comparado com a cadeira no salão, o balanço tranquilo.

Outro tema do cotidiano apresenta-se no poema a seguir, retirado do livro *Do verbo azul*:

CALENDÁRIO INTERIOR

quando é janeiro
planto primeiro
em fevereiro
colho em paneiro
sentindo março
nó no cadarço
pondo-se abril
mão no fuzil
se o mês é maio
encho o balaio
e se faz junho

cerro meu punho
em vindo julho
no ar fagulho
dando-se agosto
escondo o rosto
feito setembro
mais eu me lembro
o cinza rubro
cinzela outubro
já que é novembro
fogo em dezembro
(PENAFORT, 1988, p. 25)

Este poema possui a ideia de ciclo que Henry Lefebvre afirma fazer parte da vida cotidiana:

O cotidiano se compõe de ciclos e entra em ciclos mais largos. Os começos são recomeços e renascimentos... Eles se fundem no Ser. As horas, os dias, os meses, os anos, os períodos e os séculos se implicam. Repetição, evocação... (1991, p. 11).

O poema, melodioso por ser formado de versos com quatro sílabas poéticas, recria a rapidez da passagem dos meses do ano, os quais representam ordem e renovação e manifestam o ciclo característico do cotidiano, não possuem fim, mas sim recomeço, repetem-se. A cada ano o poeta repetirá o ritmo. O poeta trabalha, enfrenta adversidades e também colhe bons resultados de sua lida. Perto do final do ano começa a sentir saudade de suas experiências, e vive intensamente em dezembro, talvez por ser o último do ano, o mês que encerra e abre as portas para um novo ciclo. O título do poema é revelador de que a renovação é individual.

Ressaltamos, ainda, que o poema recria o tema da renovação da vida por meio da analogia das mudanças de temperatura na cidade de Manaus, em que os seis primeiros meses do ano são menos quentes que seis últimos.

O poema que analisamos a seguir pertence também ao livro *Do Verbo Azul*:

O Prédio

o prédio em frente
em meio à construção
antepara o olhar
que se destina ao infinito.
o bar presente
cerca-me em seu todo

e a alma dentro
é um corpo com seu líquido
ainda por beber.
sente-se que a manhã
- ó véspera da tarde! –
abriga as árvores
como um pássaro
que acolhe em seu ninho
o fruto concebido.
do prédio em frente,
em meio à construção,
o olhar emborça,
cai e faz-se chão.
(PENAFORT, 1988, p. 75)

O cenário da cidade pequena, onde predominam casas que possuem varandas e pomares, onde os bares ficam abertos o dia inteiro dá lugar ao da construção de novos prédios, que representam barreiras que impedem os habitantes de sonhar, de reinventar a vida: “ante para o olhar/ que se destina ao infinito”. O poeta desencanta-se por descobrir que, presa pela modernidade, o homem já não contempla o belo natural, pois seu olhar não ultrapassa as paredes da construção: “do prédio em frente,/ em meio à construção,/ o olhar emborça,/ cai e faz-se chão.” O pessimismo do poeta deve-se a que o infinito, o horizonte, percebido pelo olhar do homem na cor azul, fica obnubilado.

Neste poema, além da imagem representada pelo prédio, outra característica do cotidiano na modernidade que pode ser observada é o perigo de o tempo para o ócio ser desvalorizado, perder-se. No poema acima transcrito, o poeta transmite a imagem de que está um momento de ócio, tomando uma bebida em um bar durante a manhã, observando a construção de um prédio: “o bar presente/ cerca-me em seu todo/ e a alma dentro/ é um corpo com seu líquido/ ainda por beber.” É esse tempo de ócio que lhe permite escrever o poema para prever que a cidade está tomando proporções de um grande centro urbano, em que as pessoas irão dar mais importância ao tempo para o trabalho que não haverá lugar para o tempo do ócio. A esse respeito, Henri Lefebvre escreve que a vida cotidiana inclui o tempo do ócio, pois ele se constitui em lazer integrado e não precisa romper totalmente com o cotidiano: “O lazer é antes de tudo e para todos, ou quase todos, a ruptura (momentânea) com o cotidiano”. (1991, p. 62). O poeta, porém, revela pessimismo diante da transformação pela qual passa a pequena cidade.

No soneto abaixo, do livro *Os Limites do Azul*, a marca do cotidiano está na temporalidade:

SONETO AO RELÓGIO DE PULSO

no pulso o relógio pousa
como ave descansando.
por sutil ele não ousa
dizer que está trabalhando.
se nos ares voejasse,
como a imagem presumida,
quem sabe não atrasasse
tanta coisa nesta vida?
o importante é muito pouco,
pelo menos para ele,
este meu violão rouco,
que de cordas não canoras,
faz-se meu e eu ser dele
pelo infinito das horas.
(PENAFORT, 1985, p.34)

O ritmo da vida intenso, na modernidade, leva o homem a perceber que o tempo é fugaz. As horas, porém, independem do que o homem programa para o dia. As horas passam e tornam-se apenas vestígios; os dias vividos serão lembranças, não importa se o relógio está no pulso ou na parede. O tempo não para, não espera, não retrocede para o homem justificar-se, “mas segue ritmo próprio. É nesse tempo sistematizado que estão as invenções do ser” (BACHELARD, 1994, p. 24). O poeta tem consciência disso quando faz a analogia do relógio a um “violão rouco”, “de cordas não canoras”, e quando diz que ele pertence ao relógio assim como o relógio pertence a ele, poeta. Dizendo de outra maneira, assim como o poeta reinventa imagens para o relógio, o relógio, metáfora da temporalidade, marca de modo irreversível suas vivências.

A partir desta parte, relatamos os resultados sistematizados e analisados no segundo semestre da pesquisa.

Abaixo segue a exposição do panorama histórico mundial, nacional e regional da década de 1980, que fora proposta para o segundo semestre desta pesquisa e a análise de outros quatro poemas, sendo eles *POEMÁTICA*, *MOMENTO NA PRAÇA*, *LAGO/TEMPO* E *SONETO DO AZUL IRREAL*, que fazem parte de um dos quatro livros do autor.

A década de 1980, devido aos diversos acontecimentos em todo o mundo, é considerada a “década perdida”, por conta da situação econômica em que se encontrava a América Latina. Ocorreram conflitos como a Invasão de Granada, em 1983, executada pelas forças militares dos Estados Unidos e aliados que derrubaram o governo de Coard, em resposta ao golpe de estado comandado por este. Outro conflito foi a Guerra Irã-Iraque que durou entre 1980 e 1988. O Iraque foi acusado de usar armas químicas contra forças iranianas. As duas forças não tinham recursos tecnológicos avançados nem soldados, inclusive o exército do Irã fez soldados os adolescentes de apenas 15 anos. Os Estados Unidos estiveram envolvidos nesses diversos conflitos de maneira direta e indireta ,através de alianças com vários países. Em 1986 bombardearam aereamente a Líbia, pois os representantes desse país apoiavam os atentados terroristas que foram feitos contra a Turquia, Alemanha e Estados Unidos.

Alguns desenvolvimentos tecnocientíficos marcantes para o início do terceiro milênio foram produzidos nos anos de 1980. Destacamos as primeiras interfaces gráficas, dentre elas a mais famosa e utilizada hoje, o Windows; a criação do CD, o início da produção de computadores pessoais, de maneira lenta, mas avançada para aquela década; produtos interativos como videocassete e walkman; descoberta do vírus da AIDS para favorecer o tratamento dessa doença e lançamento da estação espacial da União Soviética.

No nível nacional os acontecimentos que tiveram destaque na política de 1980 foram a fundação do Partido dos Trabalhadores; Atentado de membros da ditadura militar contra seus opositores durante o evento de música no Riocentro; o movimento das Diretas Já, no qual era reivindicado o direito das eleições diretas para presidente do Brasil, ocasião em que as pessoas saíram às ruas pedindo democracia; Tancredo Neves foi eleito presidente do Brasil e morreu horas antes de assumir o cargo, dando esse direito ao vice-presidente José Sarney; deu-se o Fim da ditadura militar no Brasil e houve o início das modificações na educação brasileira. Fernando Collor de Mello foi o primeiro presidente eleito pelo povo brasileiro.

A Amazônia ganhou destaque por dois acontecimentos: um pela morte de Chico Mendes, e o outro pela instalação de um garimpo de ouro em Serra

Pelada. Os olhos do Brasil e do mundo voltaram-se para a causa da Amazônia através da morte de Francisco Mendes Alves Filho, ou apenas Chico Mendes, que foi um dos principais defensores dessa região. Presidente do sindicato de seringueiros no Acre, trabalhou na resistência pacífica contra os desmatamentos da Amazônia, para cuja causa idealizou projetos que permitiriam a exploração econômica sem destruição da floresta. Entretanto, em 1988 foi morto por encomenda da parte de um fazendeiro ligado à União Democrática Ruralista. Antes de sua morte ganhou o prêmio Global 500 da ONU, tornando-se o primeiro brasileiro a ganhá-lo, e o Prêmio Solidariedade por um Mundo Melhor, da Grã Bretanha, devido ao reconhecimento à sua luta e defesa.

O garimpo de Serra Pelada também tornou-se bastante conhecido nesta década, localizado no sudeste no estado do Pará e há 25 minutos de Manaus por meio de avião, atraiu a atenção pela quantidade de ouro retirada. Foi considerado o maior garimpo a céu aberto do mundo, embora as milhares de pessoas que trabalharam naquela espécie de formigueiro humano em total situação de insalubridade, ao invés de tornarem-se ricas, tenham voltado para casa mais pobres e doentes. Desse fato, observamos a força de vontade do brasileiro de buscar melhores condições de vida.

Em Manaus, a Zona Franca atraiu muitos trabalhadores de várias partes do Estado do Amazonas e de outros lugares. Segundo Elenize Sherer,

na década de 70 e 80, os anos dourados da ZFM, a montagem dos produtos eletroeletrônicos absorveu um número expressivo de trabalhadores. O processo produtivo nas indústrias do polo eletroeletrônico pode ser definido pelo que se poderia chamar de fordismo periférico (...) em que grande parte da produção era montada de forma manual e congregava um contingente significativo de trabalhadores. Nesse tempo histórico o parque industrial da ZFM chegou a concentrar cerca de quase 90.000 trabalhadores (2000, p. 6).

Entretanto, outra grande quantidade de candidatos a empregos no Distrito Industrial e que para isso se deslocavam para Manaus ficaram expostos a própria sorte e passaram a exercer o trabalho informal.

O número de empregos na ZFM foi crescente, apesar da crise da economia brasileira em 1985. Apesar de ter sido chamada a década perdida brasileira, a produção da ZFM continuou crescendo e atraindo trabalhadores de todas as partes.

Nesse contexto da década de 1980, Ernesto Penafort dá continuidade a sua obra poética. O poema a seguir transcrito pertence ao livro *Azul Geral*:

POEMÁTICA

a camisa
exausta sobre a pedra
era a pausa no trabalho.

adquirira energias durante todo o dia
e descansava agora
do suor absorvido.

nunca vazia
do operário no banho.
(PENAFORT, 2005, p. 37 e 38)

Nesse poema Ernesto Penafort apresenta o cotidiano de um trabalhador que tanto pode ser um operário de uma fábrica dos centros urbanos quanto pode ser um garimpeiro. Sua energia é dispensada em um trabalho incansável para obter o sustento. A camisa personifica o trabalhador que a veste, por ter absorvido o ritmo de sua vida. Assim, ela sente-se exausta do trabalho, mesmo quando ela descansa enquanto o trabalhador toma banho. A camisa é também a metáfora do trabalhador que jamais fica descansado, jamais repõe a quantidade de energias dispensadas “durante todo o dia”, o dia inteiro. Por isso, a camisa nunca está vazia do operário, guarda sempre seu suor, sendo este o resultado do gasto de força muito além das possibilidades daquele corpo. Essa imagem conota o descumprimento da lei sobre as horas de trabalho e de descanso para o empregado. Um das marcas da modernidade é o excesso de mão de obra, embora haja muitas oportunidades de emprego, que oferecem condições de trabalho legais ou não.

O poema seguinte integra o livro *A Medida do Azul*:

MOMENTO NA PRAÇA

é o ar fulvo da tarde
que determina
este êxtase momentâneo
enquanto rubra lembrança
fere mais fundo o coração
(praça arena de tudo.
lembrança rubra.

ar da tarde.)
tudo se conjuga
para
tentar curar-se
de imperecíveis cicatrizes,
inapagáveis,
enquanto houver memória.
(PENAFORT, 1982, p. 35)

O calor da tarde e a cor do entardecer, rubra, fazem o poeta reviver momentos que lhe trazem angústia, que lhe fizeram sofrer. Entretanto, ele busca, pela mesma memória, a cura das cicatrizes, embora inapagáveis. A praça é a arena, o campo aberto onde as lembranças do sofrimento são reavivadas e é também o lugar que favorece o momento do reencontro do poeta com a experiência que ele precisa superar. A respeito do momento ou do tempo como propiciador de renovação e liberdade é apresentado por Gaston Bachelard do seguinte modo:

Acima do tempo vivido, o tempo pensado. Esse tempo pensado é mais aéreo, mais livre, mais facilmente rompido e retomado. É nesse tempo matematizado que estão as invenções do Ser. É nesse tempo que um fato se torna fator... é nesse tempo que o pensamento age e prepara as concretizações do Ser. (1994, p. 24).

Embora até o último verso do poema permaneça a ambiguidade sobre a superação da dor por parte do poeta, é sabido que a memória funciona como terapia para discutir os conflitos, mesmo que eles não possam ser superados.

O poema seguinte pertence ao livro *Azul Geral*:

LAGO/TEMPO

cavaleiro do corcel
que eu compus daquelas horas,
(daquelas horas, Ofélia!)
cavalguei dentro do tempo
até gastarem-se os cascos.
neste lago eu me revivo
mais que inteiro, absoluto,
e ao mesmo tempo, parece,
dividido entre o passado
e o futuro que há de vir.
neste lago eu enjoveço
(ou no tempo permaneço?)
entre azul e mar e espuma,
chuva e riso e ar e bruma.
(PENAFORT, 2005, p. 47)

O poeta demonstra o cotidiano através da imagem do tempo, o qual, no poema transcrito acima, foge da linha cronológica e vai de encontro ao íntimo do ser, ele tem dúvidas se vive o tempo presente, se está dividido entre o passado e o futuro por causa da intensidade da emoção despertada pela memória. O relógio, objeto que expressa o cotidiano, marca as horas que já foram gastas, já terminaram, já foram vividas. No entanto, “o cavaleiro do corcel das horas” domina o tempo e revive o passado: “neste lago eu me revivo (...) neste lago eu enjoveço”. Este poema apresenta a descontinuidade de que trata Bachelard em *A Dialética da Duração*, segundo a qual o tempo descontínuo é caracterizado por lacunas, correspondendo ao tempo psicológico, possuidor da intensidade da experiência do Ser. A duração desse tempo é parte da consciência. Para que haja a lembrança é necessário psicologicamente voltar no tempo. Segundo esse filósofo, “não há recordação sem esse tremor do tempo, sem esse frêmito afetivo” (BACHELARD, 1994, p. 37).

No poema em análise, o lago é a metáfora do tempo psicológico, da lembrança; é a transparência, o instante de calma e de fluidez que permite a lembrança. Nesse tempo que não pode ser marcado pelo relógio, objeto que é dominado, o cavaleiro se sente absoluto, talvez porque o passado que ele imagina que viveu é melhor do que aquele que realmente vivenciou. Talvez ainda por isso o poeta pergunte se está revivendo o passado ou se está vivendo o futuro, ou tempo da imaginação no presente, pois o novo passado é que o faz sentir-se absoluto. As metáforas que representam essa plenitude são azul, mar, espuma, chuva, riso, bruma.

Analisamos agora um poema de *Os Limites do Azul*:

SONETO DO AZUL IRREAL

o irreal azul engole o mundo, enquanto
da árvore magra polipartem galhos
e o vento os faz dançar. A leve dança
confunde-se à das aves, negras aves
que além das folhas verdes se entrevêem
em vôos circunféricos (ao bote
a postos?). Já um canto ocupa o quadro
e o vento, esse abstrato, como à chuva,
borrifa as notas pelo incerto azul.

e permanece o azul, incerto e calmo.
sob sua pele semelhante a um lago,
em cujo fundo um mundo se agitasse,
existe o nosso (o que foi e é, será ?)
agora, vê-se o azul sangrando nas nuvens.
(PENAFORT, 1985, p. 82)

O poeta reflete sobre a aparência das imagens e busca o que há através das mesmas. O poeta sugere a contemplação de um quadro fixado a “um canto” que possui a paisagem de uma árvore movida pelo vento e sobre a qual voam aves negras que talvez estejam a postos para dar o bote em sua presa. O céu do quadro possui cor azul indefinida. O poeta pergunta se sob a pintura da paisagem é possível imaginar o nosso agora, um mundo cuja agitação pode ser vista por meio do “azul sangrando nas nuvens”. O mundo do quadro parece perfeito, mas é irreal, enquanto o nosso mundo é imperfeito (pois sangra), mas é real. O mundo azul pode ser o refúgio para a humanidade contra o medo e a violência, um lugar tranquilo, onde vento e chuva são brandos, mas por ser irreal, não existir de forma palpável, precisa da crença, esperança e fé para não se desfazer. É este mundo que o poeta propõe em meio a tantos conflitos.

4.Consideração Final

Após o estudo das teorias sobre a imaginação manifestada na poesia e de estudos de teorias sobre o cotidiano nesta pesquisa de iniciação científica intitulada “O cotidiano da Manaus das Décadas de Setenta e Oitenta na Poesia de Ernesto Penafort”, que teve por objetivo geral analisar, por meio da crítica temática, o significado poético da cotidianidade nos quatro livros de Ernesto Penafort, *Azul Geral*, *A Medida do Azul*, *Os Limites do Azul* e *Do Verbo Azul*, e por objetivos específicos demonstrar o modo como o tema da cotidianidade é representado nos poemas dos acima mencionados livros, apresentamos as seguintes considerações:

Os poemas dos livros que foram objeto desta investigação tratam de modo figurado alguns temas relativos à vida cotidiana em Manaus e no mundo ocidental nas décadas de setenta e de oitenta. Destacamos primeiramente a saudade: de uma experiência, de amigos, pressupondo, inclusive, a saudade de pessoas que desapareceram durante a ditadura militar.

O outro corresponde ao lamento pelo fato de uma pequena cidade como Manaus passar por transformações em sua paisagem em decorrência da construção de prédios no lugar de casas residenciais, o aumento de automóveis nas ruas e o encerramento das atividades do bonde. Além disso, o poeta prevê que o novo ritmo de vida que será instaurado, o urbano, irá tirar a calma que marca a pequena cidade e que o homem não encontrará tempo para o ócio e para sonhar.

Um tema que aprofunda mais a preocupação com a temporalidade subentendido no anterior refere-se ao ciclo da natureza relacionado ao da vida humana, no qual está a ideia de renovação. A temporalidade, porém, também é apresentada, nos poemas de Penafort, como a representação da fugacidade da vida no século XX. Há mais duas questões tratadas no tema da temporalidade: a primeira é a de que a memória nos faz reviver uma experiência dolorosa e ao mesmo tempo tentar superar ou abrandar essa espécie de trauma; a segunda é a de que o poeta domina o tempo e constroi um mundo pleno por meio de sua escrita.

O penúltimo tema consiste na denúncia das condições insalubres dispensadas ao trabalhador e da exploração imposta a ele por parte de seus empregadores ou às vezes em decorrência de trabalhos autônomos.

Por último, a oposição entre o mundo imaginado pelos artistas, aparentemente perfeito, e o mundo da realidade, marcado muitas vezes pela dor e opressão.

Em suma, os poemas de Ernesto Penafort revelam alguns dramas e belezas do cotidiano que marcam a segunda metade do século XX.

5.REFERÊNCIAS

ALAÚZO, Jorge Tufic- 1932. *Clube da Madrugada: 30 anos*, Manaus. Imprensa Oficial, 1984.

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. *Filosofando: Introdução à Filosofia*. 2 ed. rev. atual. São Paulo: Moderna, 1993.

BACHELARD, Gaston. Introdução. In: *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____ *Imaginação e Matéria*. In: *A Água e os Sonhos*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____ *Imaginação Material e Imaginação Falada*. In: *A Terra e os Devaneios da Vontade: Ensaio Sobre a Imaginação da Forças*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____ (1936). *A dialética da Duração*. Trad. Marcelo Coelho. In: *Série Temas: volume seis, estudos filosóficos. 2º*. Ed. São Paulo: Editora Ática, 1994.

BAUDELAIRE, Charles, 1821- 1867. *Sobre a Modernidade: o Pintor da Vida Moderna*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

LEFEBVRE, Henry. *A Vida Cotidiana No Mundo Moderno*. São Paulo: Editora Ática, 1991.

MACIEL, Luiz Carlos. *Anos 60*. Porto Alegre, L&PM, 1987.

PENAFORT, Ernesto. *A Medida do Azul*. Manaus: Governo do Estado do Amazonas, 1982.

_____ *Os Limites do Azul*. Manaus, 1985.

_____ *Do Verbo Azul*. Manaus, SCA/ Edições Governo do Estado, 1988.

_____ *Azul Geral*. 2 ed. Manaus: Valer/ Governo do Estado do Amazonas/ EDUA/ UNINORTE, 2005. (1 edição de 1973).

PINTO, Anthistenes. Prefácio À Primeira Edição de Penafort, Ernesto. *Azul Geral*. 2 ed. Manaus: Valer/ Governo do Estado do Amazonas/ EDUA/ UNINORTE, 2005.

REZENDE, Maria José de. *A Ditadura Militar no Brasil: Repressão e Legitimidade – 1964 a 1984* [s.l]: Edue (livro digital), 2013.

RUAS, Luiz. Para Servir de Prefácio de Penafort. PENAFORT, Ernesto. *Azul Geral*. 2 ed. Manaus: Valer/ Governo do Estado do Amazonas/ EDUA/ UNINORTE, 2005.

ROSZAC, Theodore. *A Contracultura*. RJ, Vozes, 1972.

7. AGRADECIMENTOS

Ao Comitê do PIBIC 2013-2014 pelas valiosas sugestões desde o início desta pesquisa.

Ao Programa Interinstitucional de Bolsas de Iniciação Científica executado pelo Departamento de Apoio à Pesquisa da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal do Amazonas pela oportunidade dada a mim de realizar esta investigação.

À minha orientadora, Professora Dra. Rita do Perpétuo Socorro Barbosa de Oliveira, que além de inspiração como profissional, depositou sua confiança desde o início em mim para que eu pudesse fazer esta pesquisa e colaborou com preciosas sugestões para o êxito deste projeto. Obrigada.

À obra de Ernesto Penafort que despertou em mim o encanto pela poesia e fez com que eu enxergasse e me encontrasse em meio ao esplêndido mundo azul.

À minha família que sempre será o grande motivo para o qual vivo e que sempre demonstra o seu amor por mim, apoiando-me em todos os momentos da vida, principalmente nos estudos.

Aos colegas do curso de Letras – Língua e Literatura Portuguesa que me incentivam em todos os momentos, em especial Aline Lima, Karen Dominique, Ana Karoline Batista, Julie Duarte, Carolina de Abreu, Jan Santos, Sergio Chaves, Sérgio Junior, Matheus José e todos aqueles colegas que torcem por mim e compartilham momentos felizes.